

hemofilia. O Emicizumabe altera esse cenário: reduz as idas ao hemocentro, muda a via de administração (subcutânea, menos invasiva) e flexibiliza condutas protetoras. Embora positivas, essas mudanças exigem uma reorganização emocional do paciente e de sua família, que precisa revisar suas atividades e relações sociofamiliares. O novo tratamento traz liberdade e esperança, mas também desafios. Como lidar com a autonomia recém-conquistada, e a responsabilidade que vem com ela? Como se relacionar com um corpo agora mais capaz? Como reajustar a autoimagem, equalizando novas possibilidades e antigos medos? Como conviver com as memórias de dor e limitação? Pacientes e familiares são convocados a ressignificar o lugar da doença e redescobrir sua identidade, para além da hemofilia. A Psicologia tem papel essencial nesse percurso, apoiando o processo de adaptação do paciente, acompanhando a transição da família de uma lógica de proteção para outra de maior independência, e promovendo a elaboração dos sentimentos ambivalentes diante das mudanças. **Conclusão:** A experiência clínica com o Emicizumabe mostra que, embora os ganhos biológicos sejam valiosos, não bastam por si só. Toda mudança, ainda que positiva, demanda elaboração psíquica. Sem esse processo, o potencial transformador do tratamento pode ser muito reduzido. Assim, é imprescindível que a Psicologia esteja integrada ao cuidado multidisciplinar em hemofilia, promovendo uma abordagem ampliada da saúde – que considere não apenas o corpo que sangra (ou não sangra mais), mas o sujeito que sente, pensa e se transforma.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2025.105370>

ID - 94

VIDAS QUE NASCEM: ACOLHIMENTO E COMPARTILHAMENTO DE EXPERIÊNCIAS COM GESTANTES E PUÉRPERAS COM DOENÇA FALCIFORME

AOR Sacramento, ND Silva, ROP Silva,
DS Zoauin, JCC Bastista, AP Sousa,
LLOM Campos, DR Brito

HEMOMINAS, Belo Horizonte, MG, Brasil

Introdução: A gestação em mulheres com doença falciforme (DF) apresenta desafios específicos que impactam tanto a saúde física quanto emocional. O acompanhamento multiprofissional e o suporte psicossocial são fundamentais para fortalecer vínculos, promover o autocuidado e favorecer uma vivência mais segura da maternidade. Diante disso, a realização de grupos educativos e reflexivos pode contribuir para o acolhimento e o empoderamento dessas mulheres. **Descrição do caso:** Trata-se de uma intervenção psicossocial em formato de roda de conversa, conduzida por psicólogas, assistentes sociais e médicas do ambulatório da Fundação Hemominas – Belo Horizonte. A iniciativa teve como objetivos acolher gestantes e puérperas com doença falciforme, promover a criação de vínculos com a equipe multiprofissional, favorecer o compartilhamento de vivências, oferecer orientações sobre o tratamento e estimular reflexões sobre expectativas, sentimentos e os desafios relacionados à experiência da maternidade. A seleção das participantes foi realizada a partir de um levantamento prévio das gestantes e

puérperas em acompanhamento, com convites feitos por contato telefônico. A atividade foi estruturada em cinco momentos: (1) apresentação das participantes por meio da dinâmica “Minha Jornada Começa Assim”, estimulando o compartilhamento de experiências relacionadas à gestação e maternidade; (2) exibição de vídeo educativo sobre gravidez na doença falciforme, seguida de espaço para esclarecimento de dúvidas; (3) roda de conversa orientada por perguntas norteadoras, abordando vivências com a doença, tratamento, sentimentos, expectativas e desafios na maternidade; (4) dinâmica “Na Minha Mala de Mãe”, em que as participantes registraram, em cartões, sentimentos e aprendizados que desejavam levar para a jornada da maternidade, com compartilhamento voluntário; e (5) encerramento com lanche coletivo, promovendo integração e acolhimento. Foram identificadas 20 gestantes/puérperas: 7 confirmaram presença, 2 ficaram de confirmar, 2 informaram impossibilidade de comparecimento e, com as 7 restantes, não foi possível estabelecer contato. No dia da atividade, compareceram 4 pacientes e 1 acompanhante – sendo 1 gestante e 3 puérperas acompanhadas de seus bebês. O encontro proporcionou espaço de fala e escuta, promovendo acolhimento e fortalecimento dos vínculos entre as participantes e com a equipe. Foram abordadas questões como o desencorajamento, por parte de alguns profissionais de saúde, para engravidar e a ausência de rede de apoio no enfrentamento da maternidade. A dinâmica da mala mostrou-se especialmente potente para expressão simbólica e valorização das histórias individuais. **Conclusão:** Rodas de conversa e ações educativas voltadas a gestantes e puérperas com DF contribuem significativamente para a humanização do cuidado, o fortalecimento da adesão ao tratamento e a melhora da saúde emocional. O grupo mostrou-se uma estratégia viável e eficaz no cuidado integral à gestante com DF, promovendo empoderamento, suporte social e acolhimento. Iniciativas como esta devem ser incentivadas nos Centros de Tratamento que atendem esse público, como forma de ampliar a escuta qualificada e o cuidado integral.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2025.105371>

ID - 2869

VIVÊNCIAS MATERNAS DIANTE DO ADOECIMENTO ONCOLÓGICO SIMULTÂNEO DE DOIS FILHOS: UM ESTUDO DE CASO CLÍNICO EM CONTEXTO DE ONCOLOGIA PEDIÁTRICA

ABS Oliveira, HBC Chiattonne, CRPD Macedo,
CVB Moraes, AM Cappellano, MB Lemos,
AS Díaz

Grupo de Apoio ao Adolescente e a Criança com Câncer (GRAACC), São Paulo, SP, Brasil

Introdução: O diagnóstico de câncer infantil representa uma ruptura significativa na vida familiar, mobilizando intensamente o núcleo cuidador, especialmente as mães, que geralmente assumem o papel de cuidadora principal. Quando o adoecimento ocorre de forma simultânea em dois filhos, como nos casos raros de diagnósticos concomitantes, o